

Portas foram fechadas para os fisiológicos

Organograma do poder deixou de fora figura do articulador substituído pelo Conselho Político

BRASÍLIA — A tímida reforma administrativa que o presidente Fernando Henrique Cardoso preparou para o dia da posse guarda uma má notícia para os políticos viciados em bater à porta do Palácio do Planalto, em busca de favores e cargos para afilhados. Além de extinguir dois ministérios que operavam como balcões de negócio da administração federal — Integração Regional e Bem-Estar Social —, o presidente levou ao organograma palaciano sua obstinação de afastar os fisiológicos. É por aí que se explica a eliminação da figura do articulador político do governo, tradicionalmente abrigado no Gabinete Civil da Presidência.

“Esta ausência foi estratégica, e não um esquecimento”, resume um ministro que acompanhou de perto a montagem da equipe. E não contente em afastar os políticos do Palácio, Fernando Henrique quer também barrar as pretensões políticas da equipe. “Fizemos um acordo para deixar os projetos de candidaturas a governos ou cargos em banho-maria nos próximos três anos e meio”, conta outro participante do Ministério. Segundo este interlocutor, o presidente deixou claro que governar e fazer campanha são projetos incompatíveis.

Foi para preservar ainda mais o presidente da pressão de parlamentares que se decidiu manter o conselho político criado ainda nos tempos da campanha. O conselho, composto pelos presidentes dos partidos aliados — PMDB, PFL, PTB e PP —, terá reuniões semanais com Fernando Henrique para discutir as políticas de governo. “A preocupação do presidente foi institucionalizar o relacionamento com os políticos para que os partidos se sintam participantes e sejam leais e solidários ao governo”, explica o presidente do PSDB, Pimenta da Veiga.

Um experiente cacique do PFL acredita que as demandas partidárias serão dirigidas a este conselho, que terá um canal de comunicação permanente com os líderes partidários no Congresso. “Fernando Henrique não quis repetir o presidente José Sarney, que viu uma legião de políticos desabar na sua porta nas negociações da Constituinte”, avalia o pefelista. Durante a transição, o presidente insistiu que não fará negociações individuais ou pontuais com parlamentares e que toda reivindicação terá de ser apadrilhada pelos presidentes das legendas.

“O varejo está fora do Planalto”, garante um dos ministros. Ele salienta que, ao institucionalizar o conselho político, o presidente deslocou a pressão dos fisiológicos para as direções e lideranças dos partidos aliados. Apesar desta constatação, o próprio ministro insiste na conveniência de o grupo palaciano incluir o articulador político. Fernando Henrique resiste, mas é fato que vacilou em pelo menos um momento, ainda durante a transição. Encarregado de informar ao presidente sobre o andamento de todos os projetos de interesse do governo no Congresso, o vice Marco Maciel chegou ao Palácio da Alvorada munido de agenda e anotações. Encantado com a organização e disciplina do vice, Fernando Henrique não hesitou: “Você não gostaria de chefiar a Casa Civil?”. (C.S.)